Piá 21

edição
NOVEMBRO 2020

TU SABIAS?
A NEGRITUDE NA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL GAÚCHA

EXERCÍCIOS
NEGROS NO RS

PROSA, VERSO E ARTE
DECLAMADORA "NEGA JÚLIA"

OPINIÃO
DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: QUAL A RESPONSABILIDADE DOS TRADICIONALISTAS?

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

Opinião

CONSCIÊNCIA NEGRA

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: QUAL A RESPONSABILIDADE DOS TRADICIONALISTAS?

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, assim como qualquer instituição que busca visar os valores como: o respeito, a ética e a boa convivência em sociedade, não está isento de qualquer tipo de ação preconceituosa. Enquanto tradicionalistas, acredito que temos grande força e influência para o término destes preconceitos, conscientizar e reforçar de que o Movimento Tradicionalista Gaúcho tem a função de agregar, e não segregar, tornando-o acessível para todos.

O item I da Carta de Princípios, escrita por Glaucus Saraiva da Fonseca e aprovada no 8º Congresso Tradicionalista Gaúcho, que aconteceu na cidade de Taquara no CTG O Fogão Gaúcho, nos diz o seguinte: "Auxiliar o Estado na solução de seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo." Ítem este que nos leva a refletir algumas das nossas atitudes enquanto tradicionalistas e seres humanos.

Temos muitos exemplos de como auxiliar, não só o nosso Estado mas especialmente o MTG na solução destes problemas socias até chegarmos ao bem coletivo, através dos nosso departamentos como o artístico, o cultural, o campeiro, o de esportes e etc. Vamos começar a falar em como solucionar estes problemas e não sempre tocar na mesma tecla de que os problemas existem, disto nós já sabemos, agora temos por responsabilidade solucioná-los.

Vemos diversas vezes a dificuldade que qualquer pessoa preta tem de se inserir e fazer parte da sociedade, no nosso movimento organizado não é diferente. Muitas crianças que realmente acabam se afeiçoando pela cultura e pela causa tradicionalista tem muita dificuldade de se sentirem confortáveis naquele ambiente, justamente pelo mesmo ter em sua grande maioria pessoas brancas. E isto é um fato, porém não justifica os acontecimentos que podemos presenciar dentro do mesmo.

Fazendo um relato pessoal, quando participei do meu 1º Entrevero Cultural de Peões em sua fase estadual, me senti um intruso, alguém que por algum motivo, mesmo que para muitos fosse óbvio, não deveria estar ali. O racismo no decorrer dos anos, tem se tornado tão velado e discreto que muitas vezes nós nem notamos, porém ele está lá, na nossa frente, escancarado e sempre presente.

Naquele concurso eu ouvi uma coisa que me marcou muito, poderia dizer que para a vida toda, o que eu ouvi talvez me fizesse desistir de tudo que eu já havia conquistado por mérito e muita determinação, mas felizmente haviam anjos que me rodearam naquele momento de tamanha angústia.

Nós necessitamos de REPRESENTATIVIDADE, precisamos de mais negros nas chapas da presidência, precisamos de mais negros avaliadores de ENART, precisamos de mais negros no Departamento de Pesquisas, precisamos de mais negros nas coordenadorias, precisamos de mais negros no Conselho Diretor do MTG, precisamos de mais negros Prendas e Peões do Rio Grande do Sul, a nossa responsabilidade enquanto tradicionalistas é nada mais nada menos do que REPRESENTAR E SER REPRESENTADO, hoje eu me sinto representado por muitas pessoas que assim como eu, batalharam muito e exigiram seu espaço que é por direito de estarem neste Movimento, e são graças a estas pessoas que nós estamos construindo um Movimento mais inclusivo e menos preconceituoso. Claro que, temos muito chão e muita luta pela frente.

Portanto, a nossa responsabilidade é realmente representar e sermos representados, e também darmos espaço a estas pessoas que muitas vezes estão no anonimato e que merecem o nosso respeito e reconhecimento.

Texto: Paulo Bastos Junior
Peão Farroupilha da 26ª Região Tradicionalista
Gestão 2019/2021.

Opinião

CONSCIÊNCIA NEGRA

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: QUAL A RESPONSABILIDADE DOS TRADICIONALISTAS?

Em ações presenciais e virtuais durante nossa gestão estadual, trazemos ao debate diversos preconceitos que permeiam o tradicionalismo gaúcho, por vezes, de forma velada. Temos escutado histórias, tomadas de dor, mas também de resistência, que se somam aos anseios que trazemos no peito, os quais dão título ao projeto da Gestão de Prendas e Peões do RS 19/21: "Anseios de paz e esperança: o tradicionalismo em favor da igualdade, respeito e coletividade". Temos aprendido a cada dia, com cada troca, com cada tradicionalista, e somos gratas a tudo, a todos e todas.

Esta introdução faz-se necessária pois enquanto mulheres brancas convidadas a refletir e escrever sobre o Dia da Consciência Negra, imediatamente reconhecemos o locus social e os privilégios que se dão na branquitude. Entendemos que o lugar de fala que ocupamos é daqueles que precisam responsabilizar-se e, principalmente, agir, entendendo que "o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele"[1]. É de extrema importância que essa luta conscientização seja propagada e fortalecida no meio tradicionalista. Afinal, se o tradicionalismo é a escola da vida, nele devemos aprender a ter consciência e ações anti racistas, devemos aprender sobre sermos humanos, igualitários, empáticos e libertários de todas as amarras que prendem o povo e o indivíduo.

Percebemos que aspectos históricos e culturais da negritude vem sendo desprestigiados ou incorporados erroneamente em manifestações artísticas e folclóricas, muitas vezes perpetuando a imagem do negro apenas enquanto mercadoria, como escravo, excluindo questões culturais relevantes. Acreditamos que é necessário reforçar o olhar para os homens e mulheres negros e negras como agentes de história e cultura, reconhecendo e valorizando a riqueza da cultura afro-riograndense. A educação pode ser a melhor ferramenta para promover tais percepções, para que assim tenhamos a consciência de que a história e a cultura estão diretamente ligadas às contribuições dos negros. Lembremos, deste modo, de fornecer espaços de reflexão em meio às novas gerações, enaltecendo o orgulho em representar suas origens, para que no futuro o prestígio à cultura negra seja evidenciado por todos.

Voltando nosso olhar para o caráter prático advindo com a percepção e conscientização, destacamos nossa responsabilidade em criar espaços a serem ocupados por negros e negras nas ações tradicionalistas. É notável que a branquitude vem ocupando os lugares de "poder"/"representação" no tradicionalismo, conhece-se a importância da representatividade da diversidade do povo, da importância de uma criança negra sentir-se representada por àquele(a) que diz lhe representar. Diante disso, acreditamos que a promoção de espaços e a valorização da negritude no tradicionalismo é responsabilidade de todos nós.

No ano de 1961, os tradicionalistas que percorreram esse caminho antes de nós já nos conduziam a estas ações, postulando na Carta de Princípios, em seu primeiro item: "Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo". Portanto, que possamos reconhecer o coletivo e lutarmos juntos por ele, e ainda, que tenhamos o olhar compreensivo e empático frente ao desafio de combater o preconceito. Juntos, somando a força e a união tradicionalista, será possível enfrentar a problematização e unir pensamentos, em busca da igualdade e da representatividade!

[1]Ribeiro, D. (2019). Pequeno manual antirracista. Companhia das Letras.

Texto:
Prendas Adultas do Rio Grande do Sul 2019/2021
Gabriela Sarturi Rigão
Alessandra Hoppen
Juliane da Cruz Carvalho

Tu Sabias?

A NEGRITUDE NA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL GAÚCHA

"Para que a discussão se amplie é fundamental compreender que estamos em um lugar de tratamento diferente. É preciso reconhecer o racismo" (Marielle Franco).

Pensar espaços de convívio social que estejam preparados para a diversidade, é algo que se faz fundamental diante da sociedade em que vivemos. Falando mais especificamente das relações etnico-raciais, somos parte integrante de um país estruturalmente e institucionalmente racista, que se encontra em um processo de cidadania ainda inacabado, freado pelos reflexos do sistema colonialista e seus profundos desenlaces, presentes ainda hoje de maneira pontual e devastadora marcando a organização do tecido social brasileiro.

Isso se visualiza inclusive através dos dados levantados pelo IBGE, que indicam que pretos e pardos ocupam somente 29,9% dos cargos gerenciais no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que expressam a maioria da população do país, que dos 48,3% de brasileiros abaixo da linha da pobreza 32,9% desses são pretos ou pardos. Além disso, a taxa de homicídios por cada 100 mil jovens de 15 a 29 anos declara um total 34,0 para brancos enquanto que para pretos e pardos este número sobe para 98,5 e no que se referem aos índices de educação, estimasse que dos 13% de analfabetos do país 9,1% sejam pretos ou pardos. Não é de menos que faltem políticas públicas que atendam esta parcela da população, nas ultimas eleições em 2018, somente 24,4% de deputados federais eleitos foram pretos ou pardos. Dito isto, se faz necessária uma constante e progressiva ação de desconstrução e (re)constituição a ser iniciado pela consciência de cada um de nós, partindo de um posicionamento anti racista, decolonial e multicultural.

A história do Rio Grande do Sul lista os generais pseudo-abolicionistas da revolta farroupilha e suas respectivas trajetórias, mas não destaca com a devida ênfase sequer um herói negro, mesmo tendo inúmeros em suas fileiras. A cultura gaúcha exalta veladamente escravocratas, e no mais afirma, cantando em seu hino, com orgulho, que um "povo sem virtude acaba por ser escravo", isso é fato, é um símbolo, é uma de nossas faces perante a nação brasileira. Pensar sobre estes discursos hegemônicos não é nenhum exagero, pelo contrário, me parece ser uma bonita e responsável manifestação de nativismo, pois se de fato amamos nossa terra, nela não plantaremos o ódio, a discriminação ou muito menos a indiferença para com a nossa gente.

Ainda hoje, uma criança negra cresce carente de representatividade, habitando um mundo em que a branquitude ainda é vista como um padrão e expressada em tudo que consumimos. Sendo assim, se faz necessário um trabalho mais contundente dos agentes culturais em geral, alinhado ao movimento negro e as percepções de educação para as relações etnico-raciais, não somente no mês alusivo a "consciência negra".

Precisamos pensar sobre negritude, todos nós, pois ela é parte fundamental da constituição da cultura rio-grandense e brasileira, também do futuro das mesmas. Assim como se faz necessária que brancos pensem a branquitude e se percebam diante de seus privilégios, na sua responsabilidade dentro do processo de exclusão e marginalização dos corpos negros, assim como na sua conduta perante a uma luta anti-racista e na constituição de uma democracia plena.

É importante, portanto, que ocorra uma expansão e uma abertura de dialogo para com as vozes da comunidade negra, que estas sejam mais ouvidas, afim de que os "não-lugares", locais despreparados estruturalmente para receber homens e mulheres negras, possam vir a serem espaços de expressão das vozes e pensamentos da negritude, seus estudos e vivências, associando isso a projetos, eventos e ações educativas que possibilitem um ambiente que não se naturalize determinismos e ignorância no que se refere às questões raciais.

Para ser tradicionalista não é necessário preservar o que a de ruim em nossa sociedade, mesmo que seja tradicional. Que se projete tudo que for belo e que bem nos representa para o mundo, sem distinções, que a juventude tenha o discernimento de não perpetuar preconceitos cristalizados nas gerações anteriores, e assim por diante, busque também engajamento em outras lutas transversais que transformam a sociedade e operam mudanças significativas em nosso comportamento e atitudes perante as injustiças do mundo.

Texto: Eduarda Streck, Guilherme de Abreu Machado, Luana de Moura e Robson Ribeiro.
Fonte: Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil - IBGE.

EXERCÍCIOS

NEGROS NO RIO GRANDE DO SUL

1. Como herança dos negros, na culinária, podemos citar _____, _____ e _____.

2. Nos cativeiros, o negro fujão era chamado de _____.

3. _____são comunidades formadas pelos negros que conseguiam fugir dos patrões.

4. Podemos citar muitas palavras do vocabulário regional, entre elas:_____ e _____.

5. Os negros entraram maciçamente no Rio Grande do Sul após o surgimento das _____

6. A escravidão no RS gerou quatro lendas: Negrinho do Pastoreio, _____, _____ e _____.

7. O maior tambor do instrumental carnavalesco é o _____, e é originário dos negros no Rio Grande do Sul.

8. Foram empregados principalmente nas _____, mas também foram utilizados nas _____, _____ e _____.

Fonte: Savaris, Manoelito Carlos. Manual de tradicionalismo gaúcho.
Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2012.

Fagundes, Antonio Augusto. Cartilha de história do Rio Grande do Sul (uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho). Coord. e supervisão: Onésimo Carneiro Duarte. Porto Alegre, Martins Livr. Ed. 1986.

Elaboração: Tamara Trentini Rigo

Respostas: 1. Quibebe, mocotó e feijoada; 2. Caiombola; 3. Quilombos; 4. Sanga e cacimba; 5. Charqueadas; 6. lenda do Rio Cambaí, lenda da Josefa e lenda das Torres Malditas; 7. Sopapo; 8. Charqueadas / estâncias / tarefas urbanas / agricultura.

Prosa, Verso e Arte

JÚLIA GRAZIELA AZAMBUJA DOS SANTOS DUTRA

Na edição de novembro do Caderno Piá, apresentaremos a história de Júlia Graziela Azambuja dos Santos Dutra (39) ou, simplesmente, "Nega Júlia", como é carinhosamente conhecida. Natural do município de Estrela, atualmente reside em Candiota (21ª RT), filiada ao CCTG Lila Alves, de Pinheiro Machado. Ingressou no tradicionalismo pelo incentivo de seus pais, no CTG Luiz Chirivino, do qual sua família fazia parte. Através da influência de seu pai iniciou na arte declamatória e tão logo na invernada artística e nas Cirandas de Prenda.

Júlia contou que a sua primeira lembrança de quando chegou ao CTG, é a de um senhor recitando um verso sentado ao lado da Chama Crioula. Outra lembrança ressaltada é o verso escrito pelo seu pai – "Meu Sonho" – para o concurso de prendas: "decorei e falei da maneira que havia entendido, sem orientações".

Em sua caminhada conheceu inúmeras pessoas que a estenderam as mãos, como Alfeu Coelho Duarte, Miguel Cimirro, Severino Rudes Moreiras, além de seu pai Jorge e sua mãe Vera. Nega Júlia também relatou a satisfação em conhecer os amigos Mirelle Hugo, Angela Brião, Liliana Cardoso e seu pai; entre tantos outros que a ajudaram.

Perguntada o que significa a declamação, Júlia disse que "é um modo de sentir e viver. Colocamos nossos sentimentos mais profundos e nossa naturalidade." Ainda, complementou que "a declamação me salvou, me educou e me deu coisas que jamais poderia imaginar." Em sua trajetória venceu rodeios importantes no Rio Grande do Sul e fora dele, também ganhou o ENART, mas ressaltou que seu maior prêmio são os momentos únicos que a poesia a proporcionou nos palcos da vida.

Como avaliadora, busca ser honesta consigo e fazer o seu melhor. "A arte de declamar é mágica e o estar do outro lado da mesa é receber está magia única que o declamador, em seu momento ímpar, passa-nos." Júlia também arguiu que estar em comissões que não se corrompem é um dos principais motivos pelo qual acredita na honestidade das avaliações.

Nas Cirandas e nos Entreveros, auxilia as prendas e peões com sua criatividade aflorada, "gosto de estar criando e buscando o que poucos fazem". Por conseguinte, afirmou que "não vendo sonhos, mas embarco com eles para uma possível conquista."

Ao ser perguntada sobre sua valorização enquanto mulher negra e tradicionalista, Nega Júlia reiterou que "me sinto valorizada, porque nunca me vitimizei, quem não me valoriza, certamente, não tem noção do bem que está perdendo em sua vida." Ademais, assegurou que "somos diferentes aos olhos de uma sociedade preconceituosas. Mas o preconceito também está em nós mesmos ao não aceitarmos como viemos ao mundo." Ao final, Júlia disse: "faço minha parte, mas precisamos de mais atuação da negritude no Movimento, não podemos nos esconder, precisamos buscar nosso espaço."

Como dica sobre poemas e autores que abordam o tema da negritude, Nega Júlia nos apresentou "Meus Filhos Negros" de Jorge Luiz Rijo e "Lanceiros Negros" de Miguel Cimirro. Sua mensagem aos leitores do Caderno Piá é parafraseada na citação de Nelson Mandela: "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem aprender a amar." Portanto, afirmou: "acredito no poder do aprendizado, do cultivar, plantar o bem para colher o bem! O amor e o respeito pode sim ser ensinados!"

Texto: Jéssica Thaís Herrera

MOVIMENTO
TRADICIONALISTA
GAÚCHO

Piá 21

Elaboração:
Departamento de Pesquisa e Difusão Cultural:
Jéssica Thaís Herrera e Tamara Trentini Rigo

Revisão:
Vice-Presidência de Cultura: Roberta R. Jacinto